

***Ibat obscurus:* o périplo benvenistiano de Jean-Claude Milner**

Heloisa Monteiro Rosário¹

Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão de um dos capítulos do livro *Le périple structural – Figures et paradigme*, publicado em 2008, por Jean-Claude Milner. Trata-se do texto “Benveniste II – *Ibat obscurus*”, no qual o autor apresenta uma leitura bastante particular do pensamento de Émile Benveniste. Através de uma articulação envolvendo dados biográficos e pensamento do linguista, Milner identifica aspectos relativos a duas questões – a questão judaica, de um lado, e a política, de outro – não comumente apontadas em sua reflexão. Ou seja, o ponto de vista adotado por Milner envolve uma perspectiva metodológica que permite a prospecção teórica, a produção de novas/outras leituras do pensamento do linguista. É essa perspectiva que se objetiva mostrar neste estudo. Para tanto, apresenta-se inicialmente o modo como Milner concebe e organiza seu périplo. Discute-se mais especificamente o capítulo em questão, salientando-se a articulação estabelecida por Milner. E, por fim, apresentam-se algumas considerações a respeito dessa reflexão.

Palavras-chave: Périplo; Composição vida-obra-teoria; Historicidade; Benveniste.

Title: *Ibat obscurus*: Benveniste’s journey by Jean-Claude Milner

Abstract: This paper proposes a discussion of one of the chapters of the book *Le périple structural - Figures et paradigme*, published in 2008, by Jean-Claude Milner. It is the text “Benveniste II - *Ibat obscurus*”, in which the author presents a very particular interpretation of Benveniste's thought. Through a combination of biographical data and the linguist's reasoning, Milner identifies aspects relating to two topics – the Jewish issue, on the one hand, and politics, on the other – not commonly pointed out in his reflection. That is, Milner's viewpoint involves a methodological perspective that enables theoretical prospecting, the development of new/other interpretations of the linguist's thinking. This study aims to discuss this perspective. To do so, it initially presents the way Milner conceives and organizes his journey. It also discusses the chapter in question more specifically, highlighting the combination established by Milner. Finally, it presents some considerations about this reflection.

Keywords: Journey; Life-work-theory composition; Historicity; Benveniste.

¹ Doutora em Letras (UFRGS), Instituto de Letras da UFRGS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9645-1989>.
E-mail: heloisa.monteiorosario@gmail.com.

Introdução

Neste trabalho, apresento uma breve discussão do texto “Benveniste II – *Ibat obscurus*”, de Jean-Claude Milner. Trata-se de um dos dois capítulos dedicados ao linguista Émile Benveniste no livro intitulado *Le périple structural – Figures et paradigme* [em português: *O périplo estrutural – Figuras e paradigma*]², publicado em 2008³.

Milner apresenta uma leitura bastante particular do pensamento de Benveniste, pois, através de uma articulação envolvendo dados biográficos e pensamento do linguista, identifica aspectos relativos a duas questões – a *questão judaica*, de um lado, e a *questão política*, de outro – não comumente apontadas em sua reflexão.

Essa leitura resulta, acredito, do ponto de vista – também particular – adotado por Milner: uma perspectiva metodológica que permite a prospecção teórica, a produção de novas/outras leituras do pensamento do linguista.

Trago essa discussão em função da importância que essa reflexão de Milner teve para a construção metodológica de minha tese de doutorado, defendida em 2018 e não à toa intitulada *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua* (ROSÁRIO, 2018).

Nesse sentido, como é possível perceber, se a noção de périplo foi fundamental para minha pesquisa, a articulação entre dados biográficos e pensamento teórico realizada por Milner, por sua vez, não foi menos importante. É essa articulação, assim como a noção de périplo, que objetivo discutir neste estudo. Ou seja, interesse-me aqui por essa perspectiva metodológica que permite a prospecção teórica.

Começo, então, apresentando o modo como Milner concebe e organiza essa obra (ou seja, o modo como traça seu périplo). Em seguida, discuto mais especificamente o capítulo em questão, salientando o ponto de vista segundo o qual Milner interpreta alguns textos de Benveniste. Por fim, apresento considerações, ainda muito iniciais, a respeito dessa reflexão.

Milner e seu périplo em torno do estruturalismo

Milner (2008 [2002], p. 7, tradução minha), em *Le périple structural – Figures et paradigme*, procura “dar uma ideia mais exata e melhor fundamentada daquilo que se chamou o estruturalismo”. Em suas palavras iniciais, já assinala que os textos reunidos nessa obra não se centram no movimento de doxa (discutido, com profundidade e seriedade, sobretudo por Gilles Deleuze⁴), mas, em especial, no programa de pesquisas estruturalista.

Trata-se, conforme o autor, de “duas entidades essencialmente diferentes” reunidas costumeiramente sob o nome de estruturalismo (MILNER, 2008 [2002], p. 7, tradução

² Obra sem tradução para o português. Por isso, todas as citações são traduzidas por mim.

³ O outro capítulo – que tem como título: “Benveniste I – Sens opposés et noms indiscernables: K. Abel comme refoulé d’E. Benveniste” – foi inicialmente publicado, em 1985, em *La Linguistique fantastique*, recebeu, em 2001, uma “Nota adicional” e, para a obra de 2008, foi sensivelmente modificado, conforme observação de Milner em nota.

⁴ Milner não refere especificamente nenhuma obra de Deleuze. Remeto, no entanto, ao texto “A quoi reconnaît-on le structuralisme?”, publicado em 1972 (cf. DELEUZE, 2002).

minha).

A primeira – o movimento de doxa –, através de suas ideias, caracteriza intelectualmente o período e se desenvolve dos anos 60 até a metade dos anos 70. Dela participam nomes ligados ou não ao programa de pesquisas.

A segunda – o programa de pesquisas – se caracteriza por um certo número de hipóteses e de proposições que se estendem do final dos anos 20 ao final dos anos 60.

Milner objetiva, nessa reflexão, “restituir o programa de pesquisas específico do estruturalismo e singularmente sua posição distintiva a respeito da ciência” (2008 [2002], p. 8, tradução minha). Para tanto, decide considerar “as singularidades dos sujeitos que fizeram o programa existir”, uma vez que, insiste o autor, “é preciso ter consciência disto: o programa de pesquisas estruturalista não preexistia aos sujeitos; eles não o encontraram, mas propriamente o inventaram, por uma decisão a cada vez singular” (MILNER, 2008 [2002], p. 8, tradução minha).

A obra é organizada, desse modo, em duas partes.

Na primeira, intitulada “Les figures” [“As figuras”], Milner se detém em alguns nomes, buscando situar o pensamento dessas figuras através do percurso particular de cada uma delas. Nessa parte, o autor circula em torno de Ferdinand de Saussure, Georges Dumézil, Émile Benveniste, Roland Barthes, Roman Jakobson, Jacques Lacan e Michel Foucault; uma constelação de sujeitos cuja singularidade se configura a partir do entrecruzamento de aspectos relativos tanto à vida e à bibliografia (à obra) quanto às ideias de cada um.

Aliás, a propósito dos dados históricos, salientando que seu ponto de vista “não é o de um historiador” (2008 [2002], p. 10, tradução minha) – e eu ressalto esse ponto – Milner remete às obras de François Dosse (sobre o estruturalismo) e de Élisabeth Roudinesco (sobre a psicanálise)⁵, dois renomados historiadores, para uma eventual confirmação ou refutação de sua apresentação.

Com isso, apesar da importância da história em sua reflexão, Milner observa – e ressalto novamente esse ponto – que não faz um estudo histórico; o que, afinal, se confirma, uma vez que os dados históricos são mobilizados em função da teoria e de sua discussão e não em função da história em si ou de uma perspectiva historiográfica dentro do campo da linguística⁶.

Por fim, na segunda parte da obra, intitulada “Le paradigme” [“O paradigma”], o autor propõe uma tentativa de síntese do que considera “um paradigma científico coerente e unitário” (MILNER, 2008 [2002], p. 9, tradução minha) a partir da análise que faz das figuras apresentadas.

Daí resulta seu périplo estrutural, pois, partindo da ideia de périplo – uma

⁵ Dosse (1992a; 1992b) e sua *Histoire du structuralisme* [em português: *História do estruturalismo*], de um lado, e Roudinesco (1986) e sua *Histoire de la psychanalyse en France* [em português: *História da psicanálise na França*], de outro.

⁶ Refiro-me aos estudos da historiografia linguística ou da história das ideias linguísticas. Comento, mais adiante no texto, a diferença entre esses estudos e a perspectiva trazida por Milner.

“navegação de exploração em torno de um mar, um continente, percorrendo sua costa”⁷ –, Milner metaforicamente faz uma navegação de exploração em torno do estruturalismo, percorrendo, nesse caso, as singularidades que o constituem para, logo, chegar a seu paradigma científico específico.

Passo, agora, a uma breve discussão de “Benveniste II – *Ibat obscurus*”, texto publicado pela primeira vez em 2002⁸ e republicado, neste livro de Milner, em 2008.

Chama a atenção, de imediato, a segunda parte de seu título: “*Ibat obscurus*”. Mas o que mesmo essa expressão latina significa? O que Milner com ela, ou melhor, através dela já deixa entrever? É o que veremos a seguir.

Benveniste, o *Ibat obscurus*

Milner inicia o capítulo afirmando que Benveniste, um dos principais atores do programa estruturalista, foi o que menos falou de si mesmo. Não que sua vida não tenha sido atravessada por uma série de acontecimentos. E como foi! Alguns deles conhecidos, muitos inclusive dramáticos, como: a demissão do ensino público (do Collège de France), em 1940, por ser judeu; a perda de seus estudos e pesquisas científicas durante a Ocupação nazista; a deportação e a morte de seu irmão (ele mesmo foi preso, fugiu e se refugiou na Suíça); a doença; a solidão e a afasia definitiva em 1969⁹. Outros episódios são cercados de lendas, acrescenta Milner, e de histórias que começamos a descobrir.

A biografia de Benveniste (1902–1976), aponta ainda o autor, atravessa várias camadas da história da França: as comunidades judaicas da Europa; os movimentos revolucionários; a *École linguistique de Paris*¹⁰; o estruturalismo; o declínio das instituições intelectuais de língua francesa (MILNER, 2008 [2002], p. 121). E é em torno de duas questões – a *questão judaica* e a *questão política* –, que envolvem respectivamente as comunidades judaicas e os movimentos revolucionários, que Milner procura circunscrever sua reflexão sobre a figura Benveniste.

A *questão judaica* na reflexão de Benveniste é o segundo ponto discutido por Milner no capítulo. Considerando as contribuições sobre a biografia de Benveniste de Françoise Bader (1999) em “Une anamnèse littéraire d’Émile Benveniste” [em português: “Uma

⁷ Conforme a definição lexicográfica do verbete “périple” [périplo] no dicionário do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL) (tradução minha).

⁸ O autor não indica, em nota, o local dessa primeira publicação.

⁹ Cf. a esse respeito, por exemplo, “Émile Benveniste (1902-1976)” (REDARD, 2014 [2012]).

¹⁰ Trata-se de um movimento intelectual envolvendo, de um lado, uma linhagem de grandes figuras – Michel Bréal, Ferdinand de Saussure, Antoine Meillet e Émile Benveniste – e, de outro, suas instituições – a *École Pratique des Hautes Études* (EPHE) e o Collège de France –, com o apoio de publicações eruditas (especialmente o *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*). Sobre a *École*, Milner (2008 [2002], p. 61-62, tradução minha) ainda acrescenta: “Excepcional por sua longevidade: durou quase um século; por sua coerência: pode-se traçar seu programa característico com algumas proposições articuladas; por sua amplitude: ele abarca o conjunto das línguas indo-europeias, consideradas sob múltiplos aspectos; por sua fecundidade: dele procede direta e indiretamente o que houve de mais interessante em matéria de formações simbólicas no século XX; por sua unidade de lugar: exceto o exílio genovês, tudo ocorre entre a *École des hautes études*, a Sorbonne e o Collège de France”.

anamnese literária de Émile Benveniste”], o autor, no entanto, não aborda essa questão do mesmo ponto de vista que a ex-aluna do linguista.

Observo que Bader analisa dois textos literários de Benveniste (a resenha dos *Cahiers de Malte Laurids Brigge*, de Rilke, publicado no primeiro número da revista *Philosophies* (1924), e o texto “L’eau virile”, publicado no único número de *Pierre à feu, Provence noire* (1945), revista ligada ao movimento da Resistência) e que sua análise centra-se, ao que parece, mais em aspectos relacionados à vida pessoal de Benveniste do que em suas ideias.

Milner, por sua vez, desvela aspectos que envolvem, por exemplo, a Resistência e o regime de Vichy, durante a segunda guerra na França, assim como a ideia de semelhança absoluta como princípio da diferença absoluta (e daí a não identificação e consequente separação entre judeus e não judeus). Esses aspectos estão presentes, segundo ele, em *Noms d’agent et Noms d’action en Indo-européen* (1948), em “A frase nominal” (PLGI, 1950) e no *Vocabulário* (1969).

Não me detenho, contudo, nessa leitura de Milner. Deixo esse ponto para um próximo estudo.

Trato do primeiro ponto trazido pelo autor no capítulo – o que articula o pensamento de Benveniste à *questão política* em nove diferentes textos, a saber: “*Liber et Liberi*” (*Revue des études latines*, 1936); “Natureza do signo linguístico” (*Acta linguistica*, I, 1939; PLGI, 1966); “Da subjetividade na linguagem” (*Journal de psychologie*, 1958; PLGI, 1966); *Noms d’agent et Noms d’action en Indo-européen* (1948 [segundo volume da tese de 1935 *Origines*]); “Categorias de pensamento e categorias de língua” (*Les études philosophiques*, 1958; PLGI, 1966); “A filosofia analítica e a linguagem” (*Les études philosophiques*, 1963; PLGI, 1966); *Origines de la formation des noms en indo-européen* (tese de 1935); “Estruturalismo e linguística” (*Les Lettres françaises* [Entrevista a Pierre Daix], 1968; PLGII, 1974) e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (Linguaggi nella società e nella tecnica (= Convegno internazionale Olivetti, Milão), 1968 / Edizioni di Comunità, 1970; PLGII, 1974)¹¹.

Não me detenho, neste momento, em todos os aspectos por ele apontados, ou melhor, desvelados a respeito da *questão política* a partir da leitura que faz desses textos. Mas ressalto que, para Milner, todos esses aspectos se relacionam com ideias de Friedrich Hegel (1770-1831), Karl Marx (1818-1883) e/ou Alexandre Kogève (1902-1968). Este último, aliás, foi colega de Benveniste no Collège de France.

Trago apenas um desses aspectos – o que envolve o uso que Benveniste faz da palavra *dialectique* [dialético/dialética, em português] em três diferentes textos, conforme as passagens apontadas a seguir:

1. De “*Liber et Liberi*” (1936), Milner destaca a passagem: “Como por uma fatalidade dialética, a discussão à qual submetemos o nome latino do escravo, *servus*, questiona a origem e o sentido próprio do adjetivo *liber*”;

2. Do artigo “Natureza do signo linguístico” (1939; 1966), traz o trecho: “a

¹¹ Refiro-me aqui aos dois volumes de seus *Problemas de linguística geral* (PLGI e PLGII).

necessidade dialética dos valores em constante oposição”;

3. E, finalmente, do texto “Da subjetividade na linguagem” (1958; 1966), traz o trecho: “Caem assim as velhas antinomias do “eu” e do “outro”, do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítimo e errôneo reduzir a um só termo original [...]. É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade.”.

Através de um episódio ocorrido com Jakobson por volta de 1946 (observo que os textos de Benveniste citados datam, respectivamente, de 1936, 1939 e 1958), Milner salienta que o uso da palavra *dialectique* em francês restringia-se a determinados contextos, sendo encontrada somente em jornais como o *L’Humanité* (ligado ao Partido Comunista Francês (PCF)).

Conforme Milner, essa é a resposta que Jakobson escuta de seu tradutor francês quando o linguista solicita que seja mantida a palavra *dialectique* na tradução, para o francês, de um de seus textos (a saber: “Principes de phonologie historique” [em português: “Princípios de fonologia histórica”]).

Ou seja, em sua resposta para Jakobson, o tradutor afirma que, fora desse contexto específico (um contexto ligado ao político e ao ideológico), a palavra *dialectique* não existe em francês. Ora, nos anos 30, devido ao contexto político francês, essa restrição devia ser ainda mais forte, acrescenta ainda Milner, referindo-se aos textos de Benveniste de 1936 e de 1939.

Desse modo, como no que diz respeito a outros aspectos desenvolvidos nesse capítulo, o uso da palavra *dialectique* mostra, nesse caso, para Milner, um Benveniste que se posiciona politicamente, que marca posição.

A esse respeito, o autor observa que, após 1925, Benveniste não faz mais declarações públicas, tornando-se cada vez mais discreto. A leitura de suas contribuições científicas, porém, segundo Milner, deixa por vezes a impressão de que lá se encontram mensagens políticas à espera de quem saiba reconhecê-las. Isso o faz salientar que, no campo da ciência, o encontro entre marxismo e estruturalismo, tem em Benveniste um de seus representantes e um representante “*discreto, senão secreto, mas não sem convicções*” (MILNER, 2008 [2002], p. 141, grifos meus, tradução minha).

Daí aquilo que o título “*Ibat obscurus*” de Milner deixa entrever (a ideia de algo obscuro, que não é ou está claro) se confirma: Benveniste *diz sem dizer, diz nas entrelinhas*, o que se relaciona, sem dúvida, para mim, com “o implícito do texto benvenistiano”, apontado inicialmente por Roland Barthes (1995, p. 393) e tantas vezes mencionado por inúmeros leitores de Benveniste¹².

Mas, afinal, onde Milner sustenta essa sua leitura particular do pensamento de

¹² Lembro, nesse sentido, que, dentre esses leitores, se encontra Aya Ono. A autora afirma que um pensamento como o de Benveniste convoca preferentemente “uma releitura crítica e aberta” e que o “comentário de Barthes – ‘tudo em Benveniste não faz que começar’ – permanece válido”, uma vez que as “proposições sobre a obra de Benveniste conduzem os leitores de hoje a se perguntar se Benveniste foi suficientemente lido e relido, para que esse implícito possa emergir, deixando que se veja um novo horizonte” (ONO, 2007, p. 16, grifo da autora, tradução minha).

Benveniste?

Na vida e nas ideias de Benveniste, ou seja, em sua trajetória pessoal e intelectual, que se encontram imbricadas. Milner retoma diferentes episódios da vida do linguista para sustentar essa relação que seu ponto de vista, nesse capítulo, coloca em evidência. Cito alguns deles:

1. Seu engajamento em movimentos revolucionários (Benveniste assinou, em 1925, várias declarações anticolonialistas que defendiam ações violentas contra a Guerra do Rife [Rif, em francês]¹³, por exemplo, “La Révolution d’abord et toujours”);

2. Sua participação no serviço militar, em 1926, justamente no Marrocos, e as dificuldades encontradas nesse período (Benveniste teria sido preso por violar segredos militares, o que teria inspirado, aliás, o livro *La Conspiration* de Paul Nizan (1938) [segundo um boato universitário, “une rumeur normalienne”¹⁴], e, por outro lado, a homenagem que recebeu de seus colegas linguistas: *Étrennes linguistiques* (1928)¹⁵);

3. Suas relações com os participantes da revista *Philosophies* (Benveniste colabora inclusive com o primeiro número dessa publicação);

4. Sua relação com o surrealismo e a poesia.

São esses episódios que permitem a leitura apresentada por Milner. Ou melhor, é a articulação desses episódios com as ideias apresentadas por Benveniste em diferentes textos e artigos que permite essa leitura de Milner da *questão política* no pensamento do linguista. Ponto de vista que o guia em seu périplo em torno de Benveniste, em torno da figura de Benveniste. Eis como Milner traça seu périplo, eis como metodologicamente constrói sua reflexão.

Considerações finais

Neste trabalho, através da discussão do texto “Benveniste II – *Ibat obscurus*”, publicado em 2008 no livro *Le périple structural – Figures et paradigme*, apresento a leitura bastante particular que Milner faz do pensamento de Benveniste.

Milner identifica, graças a uma articulação envolvendo dados biográficos e pensamento do linguista, aspectos relativos a duas questões – a *questão judaica* e a *questão política* – em diferentes textos do linguista. Aspectos esses, vale ressaltar, que não são comumente relacionados às ideias de Benveniste, mas que aqui aparecem em razão do ponto de vista adotado por Milner.

¹³ Guerra colonial entre tribos Berberes (os Rifains) e a França e a Espanha (que apoiavam o sultão do Marrocos), entre os anos 1921 e 1926, na região montanhosa do Rife, no norte do Marrocos.

¹⁴ Nada comprovado, mas possível e plausível, conforme testemunha Milner.

¹⁵ Milner comenta o que Meillet escreve no prefácio – “absence d’Émile Benveniste, pris par le service militaire” [“ausência de Émile Benveniste, detido pelo serviço militar”] (MEILLET apud MILNER, 2008 [2002], p. 124, tradução minha). Para ele, Meillet não emprega a palavra *pris* por acaso. Há aqui uma ambiguidade que é propositadamente mantida. Ora, como mostra Milner, *pris*, particípio passado do verbo *prendre*, aponta para dois sentidos que não passam, é claro, despercebidos para Meillet: 1. Benveniste não estaria livre, ou seja, estaria detido/ocupado em razão do serviço militar; 2. Benveniste não estaria livre, ou seja, estaria detido/preso pelo serviço militar.

Esse ponto de vista apresenta uma particularidade bastante importante: o lugar conferido à história na reflexão a respeito das ideias de Benveniste.

Outros autores também fazem, de um modo ou outro, essa articulação vida-teoria: por exemplo, Gilbert Lazard (1978), Michel Lejeune (1978), Françoise Bader (1978; 1999), Mohammad Djafar Moïfar (1992), Gérard Dessons (2006), Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio (2012; 2014), Georges-Jean Pinault (2013) e Irène Fenoglio (2013).

São estudos cujo ponto de vista não é o do historiador (pois não objetivam a escrita de uma biografia ou a escrita da história de um movimento ou um campo específico do saber¹⁶), mas o do pesquisador interessado pelo campo da linguagem que, através do entrecruzamento de dados biográficos e bibliográficos, aprofunda a discussão do pensamento de Benveniste, observando e salientando, acredito, sua historicidade própria.

Ressalto, por outro lado, que essa perspectiva também não é a do campo da historiografia linguística ou a do campo da história das ideias linguísticas¹⁷.

É Henri Meschonnic (1995), em “Penser Humboldt aujourd’hui”, quem estabelece uma distinção entre historicidade e historicismo a partir da crítica a estudos sobre o pensamento de Humboldt. Conforme Meschonnic (1995, p. 30, tradução minha), de fato, importam estudos como os de Jürgen Trabant, que “coloca[m] Humboldt em sua historicidade própria”, ao contrário dos que, centrados no historicismo, apenas situam Humboldt em uma história das ideias sobre a linguagem, reduzindo “um sentido às condições de produção do sentido” (MESCHONNIC, 1995, p. 22, tradução minha).

Nesse sentido, a reflexão apresentada por Milner inscreve-se, acredito, nessa perspectiva que não é a do historiador e na qual a história (pelo viés da historicidade) não se configura simplesmente em um pano de fundo, mas é constitutiva de um modo de pensar, mostrando uma determinada singularidade; afinal, seguindo Meschonnic (1995, p. 17, tradução minha), acredito que “a teoria não é separável de sua história”.

Daí a razão da importância desse texto de Milner para minha tese, o que referi no

¹⁶ Remeto, aqui, ao trabalho dos dois historiadores citados anteriormente: Roudinesco (1986), com sua *Histoire de la psychanalyse en France*, e Dosse (1992a; 1992b), com sua *Histoire du structuralisme*. Mas lembro também de Paul Ricoeur. *Les sens d’une vie*, uma biografia intelectual de Paul Ricoeur, na qual Dosse (1997) explora os múltiplos sentidos da vida do filósofo – o Ricoeur professor, protestante, contemporâneo, por exemplo –, traçando, ao mesmo tempo, um panorama das correntes filosóficas do século XX. Isso faz, inclusive, com que Philippe Wender (1997, p. 149), em sua resenha de Dosse, pensasse no título de um romance de Pierre-Jean Rémy, *Mémoires pour servir à l’histoire de ce siècle*, para o livro. Observo que, nessas obras de Dosse e Roudinesco, os aspectos relativos à vida, à bibliografia ou mesmo às ideias das figuras retratadas são considerados em função da história narrada, seja a de uma vida, um movimento ou um campo específico, e não em função de uma reflexão teórica em si. Isso porque o ponto de vista em questão é o do historiador e não o do pesquisador interessado no debate teórico. A respeito de Benveniste, o ponto de vista do historiador aparece em dois textos – “Émile Benveniste (1902-1976)”, de Georges Redard (2014 [2012]), e “Le pré- nom et ses marges: d’Ezra à Émile”, de Irène Fenoglio (2016); nenhum dos dois, aliás, historiadores.

¹⁷ Saliento que, segundo Marli Quadros Leite (2019), a historiografia linguística (HL) e a história das ideias linguísticas (HIL) são disciplinas com objetos distintos, mas com um interesse, sobretudo, comum: a longa duração. Assim, se o objeto da HL “é constituído das teorias linguísticas, produzidas ao longo do tempo”, o objeto da HIL “são os conhecimentos, ou as ideias, linguísticos, produzidos na longa duração” (LEITE, 2019, p. 160-161). Nesse sentido, a perspectiva de Milner em seu capítulo sobre Benveniste não se relaciona com o ponto de vista que caracteriza essas disciplinas.

início deste trabalho. Milner e esses autores todos me influenciaram fortemente. Sobretudo Milner, na medida em que – em meu périplo em torno do Benveniste semiólogo e da semiologia da língua – também procuro situar o pensamento de Benveniste, trazendo, através de sua vida e obra, seu percurso particular no campo dos estudos sobre a linguagem. É assim que a tese se organiza do ponto de vista metodológico.

Com isso, e insisto nesse ponto, não procuro recuperar as condições de produção de seu discurso, mas reconstituir o que chamei as condições de enunciação de seu pensamento. Essas condições, para mim, concentram os diferentes aspectos que possibilitam a enunciação de um pensamento, marcando sua historicidade própria e mostrando, por conseguinte, sua singularidade, o que, por sua vez, contribui para o aprofundamento da discussão desse pensamento.

No princípio, não sabia muito explicar o porquê desse caminho, o que foi, ao longo da escrita da tese, se fazendo entender muito fortemente: foi como procurei “não separar o homem da linguagem”, a lição que, conforme Patrick Dahlet (2016, p. 4, tradução minha), Benveniste “tão sobriamente e tão fabulosamente nos ensinou”.

Eis aqui, por conseguinte, o valor do que chamei na tese uma composição vida-obra-teoria para a reflexão teórica: aprofundar a discussão das ideias de Benveniste, conferindo à figura Benveniste um novo/outro contorno, muitas vezes, inclusive, inesperado, como o desvelado por Milner a respeito da *questão política* e da *questão judaica*.

Para mim, essa perspectiva metodológica possibilita, sem dúvida, a formulação de novas/outras leituras e a prospecção teórica em torno das ideias de Benveniste. Por isso, refletir teoricamente sobre essa perspectiva metodológica (o que não fiz na tese) é o que procuro, neste momento, desenvolver em meu trabalho de pesquisa. E faço isso, principalmente, através de uma reflexão a respeito do que proponho como quatro noções – a de *périplo*, a de *composição vida-obra-teoria*, a de *figura* e a de *condições de enunciação* – que fundamentam, acredito, essa perspectiva metodológica.

Referências

BADER, F. Émile Benveniste (1902-1976). *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1977-1978*, Paris, p. 52-66, 1978.

BADER, F. Une anamnèse littéraire d'Émile Benveniste. *Incontri linguistici*, Pisa/Roma, n. 22, p. 11-55, 1999.

BARTHES, R. *Oeuvres complètes III (1974-1980)*. Paris: Le Seuil, 1995.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

BENVENISTE, É. *Le vocabulaire des Institutions Indo-européennes - 1. Économie, parenté, société*. Paris: Éditions de Minuit, 1969.

BENVENISTE, É. *Le vocabulaire des Institutions Indo-européennes - 2. Pouvoir, droit, religion*. Paris: Éditions de Minuit, 1969.

- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Paris: Éditions Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. Original publicado em 1974.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1995. Original publicado em 1966.
- BENVENISTE, É. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1993. Original publicado em 1975.
- BENVENISTE, É. *Dernières leçons: Collège de France (1968 et 1969)*. Organização Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012.
- BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.
- COQUET, J.-C.; FENOGLIO, I. Introduction. In: BENVENISTE, É. *Dernières leçons: Collège de France (1968 et 1969)*. Organização Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012. p. 41-56.
- COQUET, J.-C.; FENOGLIO, I. Introdução. In: BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 67-86. Original publicado em 2012.
- DAHLET, P. Autour d'Émile Benveniste. *Le français à l'Université*, Montreal, ano 21, n. 3, p. 21-03, 2016. Disponível em: <http://www.bulletin.auf.org/index.php?id=2339#>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- DELEUZE, G. A quoi reconnaît-on le structuralisme? In: DELEUZE, G. *L'île déserte*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002. p. 238-269. Original publicado em 1972.
- DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.
- DOSSE, F. *Histoire du structuralisme - t. 1. Le Champ du signe, 1945-1966*. Paris: Éditions La Découverte, 1992a.
- DOSSE, F. *Histoire du structuralisme - t. 2. Le Champ du signe, 1967 à nos jours*. Paris: Éditions La Découverte, 1992b.
- DOSSE, F. *Paul Ricoeur: Les sens d'une vie*. Paris: Éditions La Découverte, 1997.
- FENOGLIO, I. 1966: Benveniste publie les *Problèmes de Linguistique Générale*. *Acta Fabula* (Dossier critique – 1966, annus mirabilis), Paris, v. 14, n. 8, p. 1-11, 2013.
- FENOGLIO, I. Le pré- nom et ses marges: d'Ézra à Émile. In: FENOGLIO, I. et al. *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 329-386.
- LAZARD, G. Émile Benveniste (1902-1976). *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1977-1978*, Paris, p. 66-77, 1978.
- LEJEUNE, M. Émile Benveniste (1902-1976). *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1977-1978*, Paris, p. 51-52, 1978. <https://doi.org/10.3406/ephe.1978.6371>

LEITE, M. Q. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, R. de O. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

MESCHONNIC, H. Penser Humboldt aujourd'hui. In: MESCHONNIC, H. et al. *La pensée dans la langue - Humboldt et après*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1995. p. 15-50.

MILNER, J.-C. *Le périple structural*. Lagrasse: Verdier/poche, 2008. Original publicado em 2002.

MOÏNFAR, M. D. Bibliographie des Travaux d'Émile Benveniste. In: SOCIÉTÉ DE LINGUISTIQUE DE PARIS (Ed.). *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*. Paris: Éditions Peeters, 1975a. p. IX-LIII. <https://doi.org/10.3406/linx.1992.1234>

MOÏNFAR, M. D. L'oeuvre d'Émile Benveniste. *Linx*, Nanterre, n. 26, p. 15-26, 1992.

ONO, A. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2007.

PÉRIPLÉ. In: CNRTL - Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Portail lexical. Nancy Cedex: CNRTL, 2012. Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/definition/periple>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PINAULT, G.-J. Benveniste et l'invention du discours. *Fabula LHT* (Dossier 1966, annus mirabilis), Paris, n. 11, p. 1-13, dez. 2013.

REDARD, G. Émile Benveniste (1902-1976). In: BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 199-233. Original publicado em 2012.

ROSÁRIO, H. M. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. 2018. 182 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ROUDINESCO, É. *Histoire de la psychanalyse en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

WENDER, P. François Dosse, *Paul Ricoeur. Les sens d'une vie. Autres Temps - Cahiers d'éthique sociale et politique*, [s. l.], n. 56, p. 149-150, 1997.

<https://doi.org/10.2307/3770960>

Recebido em: 10/12/2019.

Aceito em: 09/03/2020.